

# Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula<sup>1</sup>

Fernando Seffner

## Propósitos e explicações

A questão das aprendizagens significativas em História é tema controverso, e ao mesmo tempo fundamental. De que forma podemos nós proporcionar ao aluno aprendizagens significativas em História? A única concordância que parece existir neste terreno se dá pela negativa: praticamente todos concordam que a memorização não se constitui em aprendizagem significativa na disciplina de História, embora muitos ainda a considerem como importante critério na hora das avaliações. A partir daí, temos um conjunto de opiniões, que divergem em grau maior ou menor, acerca do que poderia se constituir numa aprendizagem significativa em História.

Apresento e discuto aqui alguns critérios que podem auxiliar no exame das práticas em sala de aula, visando identificar boas condições de produção de aprendizagens significativas em História. Nessa medida, este artigo é uma retomada de afirmações feitas por mim em outro artigo, versando sobre o mesmo tema. Antes que me acusem de um “descarado plágio de si mesmo”, explico: parece-me procedimento intelectual muito produtivo tornar a ler textos já escritos, e escrever dando conta das modificações operadas no pensamento a respeito do tema já tratado. Os artigos que escrevemos, como tudo o mais que nos rodeia, são históricos, produtos de determinada conjuntura intelectual e

---

1 Publicação original: SEFFNER, Fernando. Aprendizagens significativas em História: critérios de construção para atividades em sala de aula. Revista História Unicruz, Cruz Alta, v. 2, p. 18-23, 2001.

pessoal, frutos de experiências pelas quais passamos e de crenças que à época compartilhávamos. O texto que serve de inspiração a este se intitula “Aprendizagens em História”, e foi publicado na revista “Teoria e Fazeres: Caminhos da Educação Popular”, editada pela Secretaria de Educação e Cultura de Gravataí, em 1997. Embora um texto recente, o autor já encontra ali pontos que merecem aprofundamento e novas considerações. Nesta medida, temos aqui “pedaços” e fragmentos do texto anterior, devidamente citado, e que servem de ponto de partida a novas indagações. É significativo assinalar que a idéia da reescrita, da inspiração em algo já feito ou já escrito, é um traço do ambiente cultural pós-moderno. Nesta medida este texto, de certa forma, se insere neste ambiente.

No sentido de facilitar a exposição, o texto está dividido em dois itens. No primeiro, estão debatidas algumas idéias já apresentadas no texto anterior, seja para concordar seja para efetuar reparos, no todo ou em parte. No segundo item, apresento critérios que me parecem valiosos para a análise das situações de aprendizagem significativa. Ao final, estão indicadas leituras que serviram de suporte para a escrita do presente artigo, embora algumas não citadas diretamente no texto.

## **Reminiscências**

Um ponto importante é a afirmação de que o ensino de História é um ensino de situações históricas. Mais do que nomes, datas e acontecimentos, o professor deve propiciar ao aluno a compreensão de como se estrutura uma dada situação, seja ela de revolução, eleição, “descoberta”, invasão, guerras de variados tipos, modos de viver, de trabalhar a terra, de estabelecer moedas e de comerciar com outras regiões, etc. É a partir de questões do mundo de hoje que o professor orienta seus alunos no estudo de situações do passado. Isto implica o reconhecimento, no mundo de hoje, de situações de guerra, de invasão, de “descobrimientos”, de estabelecimento de diretrizes econômicas, de acordos de paz, de desenvolvimento econômico, etc. Muitas dessas situações envolvem problemas que já foram enfrentados no passado, como por exemplo, problemas de abastecimento de água ou de alimentos, problemas de repartição de renda, questões relativas ao estabelecimento da duração da jornada de trabalho, definição de limites para o que pertence à esfera pública ou à esfera privada, critérios de divisão das terras para a agricultura, etc. Nesta medida, torna-se

importante orientar o aluno a verificar recorrências, mudanças e permanências dentro de cada situação estudada.

Os acontecimentos contemporâneos, por mais que nos espantem, não são uma completa “novidade”, pois se olharmos a história da humanidade encontraremos ações ou situações com algum grau de semelhança. Por outro lado, também não são a “repetição” de atos do passado, e tampouco são “previsíveis”. Um ótimo exemplo é pensar em Nostradamus: toda vez que algo muito “fora do comum” acontece, aparece alguém para dizer que Nostradamus havia previsto aquilo. Mas nunca tivemos notícia de que algum desses acontecimentos foi evitado por conta da leitura atenta daquilo que Nostradamus escreveu. Nostradamus só é citado como tendo previsto alguma coisa depois que aquela coisa aconteceu. Recentemente, ao coordenar um conjunto de atividades de prevenção à aids junto aos adolescentes em uma grande escola na periferia de Porto Alegre, coletamos, em muitos momentos, uma queixa dos alunos, expressa em frases como: “logo agora, que eu vou começar a transar, tinha que aparecer esta doença”; “essa obrigação de usar camisinha tinha que ser logo na minha geração”; “essa doença veio aparecer justamente quando eu posso começar a transar, e já tenho que me cuidar desde o início da vida”; “agora que eu quero transar, não posso me soltar, pois tem essa doença que assusta a gente, não deixa a gente transar direito”. Estes adolescentes conviviam com a idéia de que, antes deles, a vida sexual tinha sido livre de problemas e isenta de doenças. Mais ainda, achavam que a camisinha era algo inventado nesta conjuntura de luta contra a aids. Selecionamos então um conjunto de textos e imagens sobre saúde e sexualidade, que permitiu mostrar a eles, entre outras coisas, que temos registro do uso de preservativos da gravidez, bastante semelhantes na forma com a camisinha atual, desde o Egito Antigo. Mostramos também que seus pais e avós, quando ingressaram na vida sexual, haviam passado pelo temor da sífilis, doença com diversas características semelhantes à aids, inclusive aquela que tanta preocupação havia instaurado nos adolescentes: a possibilidade da pessoa infectada viver um longo tempo sem saber de sua infecção, e sem apresentar sintomas.

Adiantamos já aqui o primeiro critério para reconhecer o que estamos denominando de aprendizagem significativa em História: ela serve para modificar, de alguma forma, impressões e opiniões que o indivíduo tem a respeito da situação presente. No caso dos alunos acima referidos, ficou claro que não

eram “vítimas” de uma doença. A aids era a doença que lhes cabia enfrentar nesse momento da vida, como na vida daqueles que lhes antecederam outras doenças tiveram que ser enfrentadas. A epidemia de aids foi então “historicizada”. É tarefa do professor estabelecer os procedimentos de pesquisa para cada situação em estudo pela classe de alunos, auxiliando a efetuar recortes no tema e a levantar as principais questões de pesquisa, aquelas que são mais promissoras em termos de debate e de comparação com outras situações, ou então que melhor se adaptam ao desenvolvimento de determinadas competências naquele momento. Isto tudo deve ser feito — realizando-se consultas periódicas aos alunos, verificando seus interesses e seus conhecimentos prévios a respeito do tema. Mas precisa ficar claro que o professor tem um papel propositivo sempre, evitando cair num populismo pedagógico fácil do tipo “na minha aula, os alunos decidem tudo o que querem fazer”, que em geral esconde a incapacidade ou a preguiça do professor. Mesmo quanto à escolha dos temas ou questões a serem estudadas, o professor tem um papel decisivo a cumprir junto aos alunos. Por exemplo, se estamos lecionando para alunos de periferia, é evidente que o tema da exclusão econômica deve ser abordado. Mas não apenas pelo viés da denúncia, com a qual a maioria dos professores parecem se contentar, confundindo sala de aula com tribuna política. Devemos estudar os mecanismos de promoção da exclusão, nos períodos passados e hoje em dia, ao mesmo tempo em que apresentamos as possibilidades oferecidas pelo mundo hoje em dia.

Um vício comum nas propostas de ensino que pretendem partir dos interesses dos alunos é ficarem presas a estes interesses, ou considerarem estes interesses como a mais pura expressão da verdade dos alunos, sem problematizá-los. As opiniões, interesses e pontos de vista dos alunos são proposições a serem discutidas em sala de aula, e refletem, no mais das vezes, os elementos culturais presentes no ambiente familiar, na mídia e em outros grupos de convívio dos alunos. “A análise de situações não pode ser feita apenas em cima do que está dado, mas precisa levar em conta as faltas e as possibilidades. Se o mundo é um conjunto de possibilidades, então a história de um determinado país, indivíduo ou instituição, é o registro das possibilidades que se efetivaram. Cabe ao professor de História montar atividades e roteiros de trabalho onde seja possível mostrar de que forma se deram essas disputas, que procedimentos estiveram envolvidos, que ações foram empreendidas, que grupos agiram, que estratégias utilizaram, que resultados foram obtidos, etc.” (SEFFNER, 1998,

p.34) Uma das tarefas do professor é colocar cada interesse ou conhecimento prévio manifestado pelo aluno em diálogo com outras possibilidades, não pensadas por ele, mas relacionadas com suas preocupações de estudo.

Um objetivo que comumente aparece associado ao ensino de História é o de transformar os alunos em agentes da História. Isto deve ser olhado com cautela, evitando cair numa simplificação que leve todos a serem considerados igualmente agentes da História, escondendo ou minimizando as gigantescas diferenças de poder e de possibilidade de intervenção no curso dos acontecimentos entre indivíduos situados econômica, política e socialmente em esferas distintas. De qualquer forma, é importante que o aluno perceba que as situações que ele está estudando foram construídas historicamente por indivíduos determinados, alguns lutando a favor, outros contra, muitos indiferentes, mas jogando um papel importante no final das contas. “O mundo em que cada um nasce está dado historicamente, mas pode ser modificado pela ação humana. Afinal de contas, se foi a ação dos homens que construiu tudo o que está feito, o aluno deve compreender que é também a ação humana, a sua incluída, que pode modificar determinadas coisas ou fazer com que outras permaneçam como estão. E na história temos o registro dos esforços para mudança ou permanência, em situações determinadas. A percepção de que cada um pode se transformar num sujeito histórico é com certeza um aprendizado significativo da aula de História.” (SEFFNER, 1998, p.35)

### **Estabelecendo critérios**

Uma determinada atividade na aula de História tem chances de oportunizar aprendizagens significativas ao aluno se nela estiver colocada uma clara preocupação em operar com conceitos e nomeações. A ênfase no caráter transmissivo (“dar a matéria”) e cumulativo (“dar toda a matéria”) não ajuda em nossos propósitos. O professor precisa entender que sempre será melhor permanecer um bimestre inteiro num determinado tema – a Revolução Francesa, por exemplo -, lidando com bastante informação histórica, estabelecendo numerosas questões para pesquisa, trabalhando com materiais diferenciados (imagem, textos, músicas, filmes), auxiliando o aluno a construir conceitos que dêem conta dos temas estudados; do que sair “correndo” e tocar de forma superficial uma grande quantidade de acontecimentos históricos. Portanto, um segundo critério para a construção de aprendizagens significativas em História

é este: permanecer bastante tempo num único tema, estabelecendo numerosas relações a partir dele, inclusive com auxílio de questões do mundo contemporâneo. Programas de atividades que percorrem a história do Brasil da Colônia a República em um ano constituem trabalho inútil, estressante e burro. O professor precisa ter em mente, em cada tema e a cada ano letivo, um determinado vocabulário conceitual que lhe parece ser o necessário para compreensão dos temas em estudo e o possível de ser desenvolvido. Para bem estabelecer este vocabulário, é necessário levar em conta a idade dos alunos, suas experiências culturais e os temas já estudados em anos anteriores, não somente na disciplina de História, mas no conjunto das disciplinas. Este é um terceiro critério para que se estabeleça uma aprendizagem significativa em História: operar com conceitos e nomeações.

Percorrendo dois dicionários históricos, coletamos um conjunto de conceitos que são fundamentais para a compreensão da maioria dos temas apresentados nos programas de História da escola fundamental e média. As duas listagens que se originaram dessa pequena pesquisa estão longe de serem exaustivas, e não devemos esquecer que o processo de construção de um conceito é progressivo e recorrente, no sentido da complexificação, e não se esgota nunca. Ou seja, o mesmo conceito que foi posto na listagem da sexta série, pode estar repetido na listagem da sétima série. Convém ter duas listagens: aquela que indica os conceitos que serão retomados na série (aqueles que já foram trabalhados em anos anteriores), indicando em que sentido ou direção o conceito vai ser agora retomado; e uma outra lista com os conceitos novos. Para exemplificação, apresentamos as duas listagens, com sugestões de conceitos a serem trabalhados nos diversos pontos do programa de História. Aquela feita a partir do “Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos” de Antonio Carlos do Amaral Azevedo contempla: abolicionismo, absolutismo, anarquismo, anti-semitismo, apartheid, bonapartismo, burgo, calendário, capitalismo, casta, catolicismo, caudilhismo, censura, cidade estado, classe média, classe operária, colonialismo, comunismo, conquistadores, constituinte, coronelismo, corporações, corporativismo, cristão novo, cristãos, darwinismo, demagogia, democracia, descolonização, despotismo, ditadura, enciclopedismo, escravidão, estado, eurocomunismo, farrroupilhas, fascismo, feiras, feminismo, feudal, genocídio, getulismo, guerra fria, guerra mundial, guerra santa, guerrilha, helenismo, heresia, homem, humanismo, idade, iluminismo, imperador,

imperialismo, invasão, lei, leninismo, liberalismo, mais valia, maquiavelismo, marxismo, materialismo, mercado, mercadores, mercantilismo, messianismo, modo de produção, nacional, nacionalidade, nazismo, nobreza, oligarquia, pacifismo, parlamentarismo, paz, plebeus, populismo, positivismo, proletariado, protestantismo, racismo, reforma, república, revolta, revolução, sindicalismo, socialismo, subdesenvolvimento, tempo, terceiro mundo, terror, terrorismo, totalitarismo, trabalhismo, tribo, universidade, utopia e vassalo. Outra listagem, feita a partir do “Dicionário das Ciências Históricas”, organizado por André Burguière nos apresenta os conceitos de: antigo regime, África, América, arqueologia, bancos, barroco, biografia, burguesia, China, ciclo, cinema, colonial, comércio ambulante, conjuntura, contemporânea, criminalidade e justiça, crise, cristianismo, cronologia, cultura popular, datação, decadência, demografia histórica, desindustrialização, despotismo esclarecido, diplomacia, direito, documento, doença, economia, educação, elites, empresas, epigrafia, estatística, estrutura, eurocentrismo, família, fato histórico, feudal, feudalismo, genealogia, greves, história imediata, história oral, história política, imagem, imperialismo, inflação, informática, instituições, intelectuais, Islã, judeus, literatura, luta de classes, marginal, marxista, memória, memória coletiva, mentalidades, método histórico, militar, mitologias, modelo, modo de produção, muçulmanos, nacional, periodização, população, positivismo, preços, pré-história, qualitativa, quantitativa, reforma, relações internacionais, religião, revoltas, revolução, rural, social, tempo, tempo presente, teorias da história, teorias, testemunho, trabalho, urbano e violência. Muitos desses conceitos têm usos diversos em contextos históricos diferentes, o que é uma discussão interessante de ser feita. Outros, como o conceito de revolução, cobrem acontecimentos muito diferentes – tais como a Revolução Russa e a Revolução de 1964, sem esquecer a Revolução Industrial – o que também oportuniza uma discussão polêmica. Discutir o conceito de comunismo pode levar os alunos a verificar as enormes divergências de opinião existentes acerca desse regime, derivadas de posições políticas divergentes. Mostrar a relação sempre presente entre o ato de nomeação de uma situação e o conjunto de crenças políticas de quem nomeia é um trabalho que permite uma aprendizagem significativa em História.

Um quarto critério que nos permite reconhecer uma aprendizagem significativa em História fica assegurado quando lidamos com diversidade de fontes de leitura e pesquisa, tanto para consulta do aluno quanto do professor.

Não existe possibilidade de aprendizagem significativa se ficamos limitados a um único livro didático, mesmo que este livro seja muito bom. Inevitavelmente passamos a idéia de que toda a história está contida ali. Não existe nada mais desestimulante para o aluno do que saber, já em março, tudo o que ele vai estudar até dezembro, e transformar o ano escolar num lento avanço em direção a última página do livro. Depois não é de se admirar que a disciplina de História seja tida como chata, e que os alunos saiam com uma concepção quilométrica, confundindo história com cronologia. As fontes para o ensino de História podem ser de vários tipos: depoimentos orais; prédios e monumentos históricos, visitados ou olhados em vídeo ou fotos; músicas de diferentes períodos, analisando a letra e elementos da forma musical; quadros, pinturas, ilustrações, gravuras, charges e outros materiais de impacto visual, retirados de livros, enciclopédias, propagandas na mídia, etc.; matérias, notícias e classificados de jornais e revistas; biografias e histórias de vida; histórias em quadri-nhos de todos os tipos; filmes e vídeos do circuito comercial; obras literárias, especialmente contos, crônicas, lendas e fábulas, pela facilidade de leitura na sala de aula; dicionários lingüísticos, históricos e outros; livros didáticos e paradidáticos de História; enciclopédias e Atlas históricos; objetos antigos em geral, incluindo suas embalagens e anúncios de propaganda; textos produzidos pelo professor, a partir da consulta a obras de referência; visita e consulta em bibliotecas e exposições de museus ou de outras instituições; textos e trabalhos produzidos por alunos em anos anteriores, que foram guardados para serem re-apresentados aos novos alunos, etc.

A diversidade precisa habitar também o terreno das atividades, e este é o quinto critério que nos permite reconhecer uma aprendizagem significativa. Aula de História não pode ser apenas leitura e cópia. Embora fundamentais, leitura e escrita precisam estar acompanhadas de debates, projeção de filmes, visitas a locais históricos, atividades envolvendo desenho, montagem de jornais, pesquisas de campo, entrevistas, comparecimento a museus e exposições, organização de mostras na escola, elaboração de relatórios, seleção de materiais para compor acervos, etc. O aluno, como qualquer outro ser humano, não é apenas leitor e escritor, mas percebe a realidade e a expressa através de numerosos outros canais. Entretanto, deve ficar ressaltado que a leitura de textos e documentos, e a escrita de variados tipos de textos (ensaios, relatórios, cartas, resumos, etc.) são fundamentais em nossa área, e não pode estar muito tempo



ausente da sala de aula. É importante deixar firmado que escrever não deve ser confundido com copiar do quadro negro. Sempre será melhor que o aluno escreva pouco, mas de forma original, do que nos apresente longas respostas, inteiramente copiadas de livros. Mas o melhor mesmo é que ele escreva o suficiente para explicitar suas posições com clareza, o que pode ser verificado no momento em que ele apresenta aos colegas ou ao professor o resultado de sua produção. Para que se tenha uma escrita densa por parte do aluno, ele deve operar com conceitos e nomeações, e não apenas relatar o que leu em outras fontes. “Nesse sentido, o professor deve organizar atividades que abordem, de forma teórico-prática, conceitos e problemas como: diferença entre História e história; relações entre história e ficção; questões relativas à memória, memória social e individual, construção da memória nacional, patrimônio histórico, patrimônio cultural, objeto histórico e museu; a problemática do tempo, tempo histórico e tempo social, necessidade e diferentes modalidades da contagem do tempo, tempo curto, médio e longo; o conceito de experiência e a experiência como elemento histórico; as polaridades do novo e do velho; o relativismo cultural e o antropocentrismo; seleção, organização e montagem de acervos; estudo dos recortes de gênero, classe, raça/etnia e geração; a polaridade campo/cidade e a história dos espaços; a escala dos fenômenos históricos; o conceito de ideologia e de representação dos fatos e a diferença entre eventos e fatos; as diferentes linguagens de representação dos acontecimentos (a da história, a da literatura, a do cinema, a do vídeo, a da pintura, a da escultura, a das histórias em quadrinhos, etc.); o documento histórico; os procedimentos da pesquisa histórica; as três dimensões da história (passado, presente e futuro); a idéia de progresso; as noções de público e privado, etc.” (SEFFNER, 1998, p.35).

Cada um de nós constrói sua identidade a partir de um intercâmbio intenso com o meio ambiente culturalmente organizado. Daí extraímos dois componentes importantes de uma situação de aprendizagem significativa em História. O primeiro deles é não esquecer nunca que “uma das tarefas da aula de História é possibilitar que o aluno se interrogue sobre sua própria historicidade, inserida aí sua estrutura familiar, a sociedade ao qual pertence, o país, o estado, etc. Podemos afirmar que a aprendizagem mais significativa produzida pelo ensino de História na escola fundamental é fazer com que o aluno se capacite a realizar uma reflexão de natureza histórica acerca de si e do mundo que o rodeia. Este conhecimento acerca do mundo, que a reflexão histórica produz, é fundamen-

tal para a vida do homem em sociedade, e pressuposto para qualquer outro raciocínio de natureza crítica e mobilizadora.” (SEFFNER, 1998, p. 36) Auxiliar na construção da identidade histórico-cultural do aluno é um objetivo nobre da aula de História, e fornece os pressupostos para que o aluno possa formular seus projetos de vida futuros. O outro componente importante de um ensino de História que se ocupe do tema da identidade social do aluno é a atenção dada aos fatos da história imediata, em especial aqueles que produzem reflexos mais diretos na vida do aluno. Isto não significa transformar a aula de História num eterno estudo de “atualidades”, mas esforçar-se para construir atividades onde o aluno perceba que seu presente está emaranhado em elementos do passado e em seus projetos de futuro. É de um olhar atento sobre questões do presente que podemos extrair boas propostas de estudo do passado, além de dar um sentido de funcionalidade para o ensino de História, o que é o sexto critério que nos permite reconhecer aprendizagens significativas em História.

Além de lidar com determinadas questões e conteúdos próprios da História, uma proposta de trabalho que vise aprendizagens significativas precisa buscar o desenvolvimento de competências e habilidades, que se manifestam na formação de um aluno que apresente: domínio da leitura e da escrita; capacidade de fazer cálculos e de resolver problemas; capacidade de analisar, sintetizar e interpretar dados, fatos e situações; capacidade de compreender e atuar em seu entorno social; competência para receber criticamente os meios de comunicação; capacidade para localizar, acessar e usar melhor a informação acumulada; capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo e capacidade de aprender a aprender. Ao propor cada conjunto de atividades, o professor deve saber quais competências ele deseja desenvolver com mais ênfase naquele momento, e isto precisa ficar claro para o aluno, sendo este o oitavo critério nesta listagem que estamos construindo.

O trabalho integrado com outras disciplinas é, por fim, um objetivo que deve ser buscado não apenas pela História, mas por todas as disciplinas. Uma boa estratégia é propor atividades a partir de conceitos, competências e habilidades, criando um ambiente interdisciplinar de discussão a respeito das questões em estudo. O aluno precisa perceber que a História não explica tudo, mas ela necessita de outras disciplinas, e pode auxiliar outras disciplinas. E ele também deve perceber que o desenvolvimento de determinadas competências – por exemplo, a capacidade de acessar e usar melhor a informação acumula-

da — é exigido pelo estudo de diversas disciplinas. A escola precisa transitar do ensino parcelado para uma abordagem mais integrada do conhecimento. O trabalho através da pedagogia de projetos pode auxiliar em muito nessa direção. A busca da interdisciplinaridade é o nono critério que consideramos essencial para a formulação de atividades que possibilitem a construção de aprendizagens significativas em História.

O conjunto de nove critérios apresentado acima, longe de esgotar a discussão de assunto tão complexo, nos permite analisar as práticas de sala de aula em História, verificando se elas contribuem para a construção de um raciocínio histórico por parte do aluno. Para tanto, a questão da avaliação das atividades é fundamental, e mereceria ampla discussão, que não será feita aqui, e que pode ser tomada como um décimo critério. Salientamos apenas que a avaliação tem que abranger todos os passos do trabalho e todas as pessoas envolvidas nele — e não apenas centrar-se no desempenho do aluno, como acontece comumente. Também é bom lembrar que a avaliação deve ser processual, e busca antecipar decisões. Ou seja, não deve ser feita apenas ao final de um processo, quando já não mais podemos introduzir modificações de rota nele, mas ao longo das diferentes etapas. A realização de um processo permanente e sério de avaliação é mais um elemento a ser considerado quando se verifica o potencial de uma atividade no sentido de produzir uma aprendizagem significativa em História.

Esperamos que a listagem de dez critérios feita acima possibilite aos professores e as professoras interrogar-se de maneira crítica e construtiva a respeito do trabalho que vêm desenvolvendo em sala de aula, no sentido de aperfeiçoá-lo. E convidamos os leitores a ampliar esta listagem de critérios, para que possamos ter as aulas de História mais e mais produtivas, formando alunos capazes de intervir na construção do mundo de forma criativa e consciente.

## Referências

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1990.

BURGUIÈRE, André. (org.). **Dicionário das Ciências Históricas**. Rio de Janeiro, Imago, 1993.

LEITE, Lúcia Helena Alvarez. **Pedagogia de projetos: intervenção no presente**. In.: *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, Ed. Dimensão, v. 2, n.º 8, março/abril de 1996 pp. 24-33.

SEFFNER, Fernando. **Aprendizagens em História**. In.: Teoria & Fazeres: caminhos da educação popular. pp. 34-37 Gravataí, SMEC, 1998 v.1

STEPHANOU, Maria. **Currículos de História**: instaurando maneiras de ser, conhecer e interpretar. In. Revista Brasileira de História, 1998, v. 18, n.º 36, pp. 15-38.

TORO, José Bernardo. **Códigos da Modernidade**: capacidades e competências mínimas para participação produtiva no século XXI. Colômbia, Fundacion Social, 1997 (Tradução e adaptação: Antonio Carlos Gomes da Costa; Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho/Porto Alegre)